

uma oração

m o a s i p r i a n o

m o a s i p r i a n o . c o m

UMA ORAÇÃO

Moa Sipriano

“Al, sou eu, Vicente. Acordei você?”

“Oi lindão. Sei lá, acho que meu corpo despertou, mas o resto de mim-eu-mesmo ainda está vagando no admirável mundo dos sonhos.”

“Imagino. Quem manda bater ponto no Groove’s até altas horas? Só liguei pra te avisar que chegaram várias encomendas. Está preparado?”

“Prepar... oh... sim, acho que sim. Devo ir agora?”

“Pode ser. Está bem sossegado aqui do outro lado, por enquanto. É melhor aproveitar a calma. De repente, você finaliza sua pesquisa.”

“Está certo. Vou tomar um banho rápido e engolir uma Budweiser. Acho que chego aí em menos de uma hora.”

* * *

Passava das cinco da manhã quando deixei o conforto da minha casa para ir até o necrotério. O temível prédio verde que fora um antigo quartel nos tempos da ditadura ficava a vinte e seis quilômetros da ilha.

Ao atravessar a ponte que liga Lovland ao continente, a Ansiedade ampliava seus domínios em meu ser ansioso a ticar o vigésimo grau. Era a primeira vez que eu visitava o Spa da Família Addams, como costumava dizer Vicente, o segundo responsável pelo local.

Ao chegar à entrada do prédio decadente, carcomido por fora, antes de lacrar o carro conferi a bateria da minha Sony e a quantidade de memória que ainda restava para registrar imagens em boa resolução.

Vicente e seu cigarro me aguardavam na recepção.

Trocamos um forte aperto de mãos e um rápido abraço.

O cheiro impressionante do perfume de notas amadeiradas que emanava daquele corpo atlético dava a impressão de que o jovem Senhor das Almas havia acabado de sair de um banho tonificante. O aroma viril daquele macho lascava a fragrância reforçada de pinho a impregnar o interior reformado, limpo e silencioso daquela residência temporária dos desligados deste plano.

Seguimos em silêncio por um largo corredor. Vicente chamava a atenção no seu jeito sensual de caminhar, onde seu traseiro rochoso despertava intensa inveja da minha bundinha compacta, sem demais atrativos.

Ele era um homem alto e muito robusto, na casa dos quarenta, mas aparentando exatos vinte e seis muito bem conservados. Impossível ignorar sua presença suspirante em qualquer lugar do planeta.

Entramos em uma espécie de vestuário. Meu cicerone ajudou-me a trajar a indumentária que me protegeria de possíveis contaminações.

Sentindo-me ridículo e incomodado com o plástico azul a cobrir meu corpo reduzido, voltamos para o corredor opaco, parecendo dois alienígenas estrábicos, figurantes de um filme D.

Seguimos até a “cozinha” de modo a avaliar o que tínhamos à disposição. Uma grossa porta de vidro dava acesso a uma grande sala refrigerada.

Antes de entrarmos, Vicente tocou meus músculos retesados, impedindo meus passos vacilantes.

“Você tem certeza de que está preparado?”, ele disse, visivelmente preocupado com meu lado emocional.

“Muita gente não tem estômago para permanecer na presença de corpos sem vida. Se você não se sentir bem, por favor, nada de valentia... só me avise. Tá certo?”, confortou-me o amigo com um sorriso paternal, apertando levemente meu ombro direito.

“Estou bem. Só quero sentir o ambiente. Você sabe. Preciso do último elemento chave para dar continuidade ao meu próximo livro”, respondi, não muito seguro de mim-eu-mesmo.

Destravando a porta temperada, entramos na tal cozinha. Havia dois corpos cobertos sobre macas de metal cromado. A tradicional etiqueta presa em um dos pés dos falecidos foi a primeira coisa que chamou minha atenção. Em um cômodo anexo, Vicente me conduziu até as “geladeiras”. Abriu uma das gavetas e puxou o que restava de uma menina, segundo ele. Abrindo o zíper de um saco negro que ocultava a metade de um frágil corpo infantil, ela parecia sonhar, faces arco-íris, muito tranquila.

Encoberta pelo vapor de Avalon, suas feições lembravam uma boneca russa, de fina porcelana, repousando entre nuvens *davincis*.

Eu não quis saber onde jazia a outra parte daquele ser inocente. Petrificado, eu ainda não estava preparado para ouvir a história daquele corpo, porém Vicente começou a tagarelar sobre o terrível acidente nas linhas férreas que havia vitimado Pavrini, uma garotinha de apenas nove anos de idade.

Chorei sem ocultar meus limites e fiz uma breve oração pela alma daquela criança. Meu coração começara a disparar, isento de controles sensatos.

Vicente relatava em frases curtas todo o procedimento realizado em seu local de trabalho. Empolgado, atinei que haveria farto material de pesquisa para a oitava e derradeira passagem do meu novo romance.

Voltando para a sala principal, fiz algumas fotos do local.

Levantei com respeito o lençol que cobria os restos mortais de uma senhora. Mais um rosto pacífico vagando em paz no tempo e no espaço. Pedi autorização para

fotografar aquela mulher. Ele consentiu, exigindo-me somente que não divulgasse as fotos de maneira nenhuma em lugar algum.

Não era essa a minha intenção. Eu deixaria as imagens guardadas temporariamente em meu iMac, dentro de uma pasta criptografada, enquanto finalizava o enredo do meu segundo projeto literário.

Depois, como sempre, tudo seria apagado, eliminado, esquecido. Não guardo restos das minhas criações para a posteridade. Obra finalizada, meus rascunhos são sempre deletados, triturados ou queimados num ritual suicida, quase um vício incontrollável. Ninguém jamais saberá absolutamente nada sobre os bastidores do meu delirante processo criativo.

“Alvin, daqui a pouco, assim que meu pai chegar, daremos início a autópsia daquele segundo corpo, à sua esquerda. Se você quiser acompanhar...?”, murmurou Vicente, preparando os cacarecos que seriam usados para escancarar o Desencarnado Número Dois.

“Qual foi a causa da morte?”, perguntei, confuso, enquanto me dirigia aos pés do falecido para ler as informações escritas a lápis no cartão preso no dedão do pé esquerdo.

“Aparentemente, o idiota se suicidou. Teve uma crise histérica depois que o pai bêbado o chamou de bicha, sei lá, pela trigésima vez, durante uma discussão banal. O babaca sabia onde o velho escondia a arma. Gente da roça. Sabe como é. E daí, em segundos, tudo estava acabado. Pelo menos essa é a versão cuspidada pela simplória mãe do rapaz, que presenciou os fatos. Vamos averiguar se o infeliz estava bêbado ou drogado”, explicou Vicente, num tom apático, como se estivesse entediado por avaliar casos como aquele todos os dias.

Fiz algumas fotos do pé identificado. Marcus Dünning era o seu nome. Fugiu do nosso mundo poucas horas atrás, segundo as anotações. Dezoito de junho seria a data do seu aniversário, onde completaria dezenove anos. Estávamos no dia treze.

“A Estupidez é amante da Ingenuidade...”, meditei, revoltado.

Um telefone trinou em algum canto daquela rodoviária gélida. Vicente praguejou alguns palavrões. Pediu-me licença e saiu porta afora para atender o suplício.

“Como pode alguém querer acabar com a própria vida de um jeito tão estúpido e por um motivo tão idiota?”, eu disse a nós dois, como se eu e o mortonto trocássemos figuras desde sempre.

Com o coração apertado, resolvi dar uma bisbilhotada na fisionomia do jovem irresponsável. Certamente ele não sabia que nada acaba com um simples disparo.

Baixei o lençol até a altura de um peito forte e liso, que continha um furo medonho na altura do coração. Encontrei um rosto enternecedor, solitário, indefeso.

Algo naquele semblante mexeu profundamente comigo. A eletricidade de um reencontro dizimou as engrenagens que regulavam minhas defesas. Meus mamilos expeliram uma dor em ferroadas e de repente a inevitável falta de ar se fez presente. Eu não encontrava nenhum suporte necessário para controlar meu espírito atribulado.

Eu conhecia aquele desconhecido!

Pronto a desabar, não sei de onde retirei forças para fotografar aquele inchado rosto tão amado. Após um último disparo, desliguei minha T7, colocando-a em seguida sobre a primeira mesa limpa e vazia que encontrei pela frente.

Minhas mãos tremiam, tonteadas de qualquer motricidade. Meu corpo estava desnortado. Não havia jeito de frear a enxurrada de lágrimas que despencavam dos meus olhos mareados, pitangas, infernais.

Senti uma imensa necessidade do toque. Irresponsável, destruí parte da proteção de plástico e látex que defendia meu corpo ainda vivo. Encostei meus dedos suados naquela face nevada, recoberta pelo Nada. A rigidez já havia tomado conta daquele espaço vazio.

“Por que você foi embora, Marcus. Por que não lutou por você mesmo, pela sua liberdade?”, questionei num sussurro emocionado, a boca molenga próxima da orelha rígida.

Eu engolia um amontoado de pérolas emancipadas que escapavam do meu olhar indeciso e sufocava as angústias de um sentimento insano que era mais forte do que qualquer coisa que eu já havia sentido.

Transtorno, confusão, revolta. Minhas duas gotejantes mãos suaves acariciavam o rosto petrificado daquele espírito distante. Eu explodia internamente e era consumido por algo que eu jurava jamais ter experimentado.

Fechei meus olhos a contragosto. Domado por uma coragem inédita, beijei aqueles lábios rijos, afiados, sem perspectiva. No meu conto de fraldas, eu queria despertar aquele corpo jovem, que certamente fora repleto de sonhos. Queria ser o príncipe de um enredo impactante. Meu beijo intenso deveria retirar a maldição do Preconceito.

Eu havia chegado tarde demais. Mais uma vez.

Engatei uma oração decorada na infância. Pedi aos céus uma chance daquela alma encontrar a paz. Eu tremia isento de controle, direção, perspectiva. Eu chorava. Eu corria atrás de uma corrente de ar. Palavras eram balbuciadas em desalinho.

No quinto capítulo, foi demais aceitar que eu perdi Marcus para a ignorância de um pai insensível e ignorante.

Assumi que eu estava apaixonado por uma alma-perdida.

Acordei com o sol das duas beliscando minhas pálpebras.

Meu peso estava em casa, deitado na cama, numa posição desconfortável.

Havia um bilhete no travesseiro ao meu lado. Vicente pedia para eu entrar em contato assim que acordasse. Assustado, liguei em seguida para ele.

“Você está melhor?”, dizia uma voz sonolenta do outro lado da linha, sem esconder uma ponta de sarcasmo.

“Sim, acho que sim. O que aconteceu comigo?”, perguntei, esfregando os olhos, bocejando preguiçosamente, ainda tentando equilibrar meus sentidos.

“Meu pai o encontrou desacordado, caído aos pés do Defunto Número Dois”, cantarolou Vicente, não evitando uma sinfonia de risos entrecortados.

“Eu avisei que nem todo mundo consegue ficar vivo diante dos mortos!”, agora as gargalhadas se tornavam histéricas.

“Eu te examinei, carreguei a princesa nos braços e te levei pra casa. Fique tranquilo. Tenho certeza que algumas horas de bons sonhos o deixarão pronto pra outra. Volte a dormir”, concluiu Vicente, engolindo risos galhofeiros.

“Ah, a Sony está sobre a mesa da cozinha. E vê se manda lavar seu carro, porra!”, ele finalizou e eu tinha que concordar, pois meu Ford Kastrinho implorava por um merecido trato.

A gente se despediu após novos conselhos incentivadores do meu amigo pra lá de bem humorado.

Saí da cama num pulo. Tomei uma ducha fria. Enxuguei-me, calcei um par de havaianas brancas, meti uma boxer azul e cobri minha tímida morenice com uma arcaica camiseta cinza com a estampa do Pateta, que mais parecia um vestido decadente, porém ainda provocante, a bailar sobre minhas coxas grossas, roçando nos meus pelos secos, ébanos, pontiagudos.

Na cozinha, pus água para esquentar. Enquanto preparava algo sólido para animar meu dia, me peguei a imaginar as mãos experientes de Vicente a acarinhar minha derrocada alma impressionável.

O caldo de peixe fumegava dentro da caneca de cerâmica. Eu brincava com os pedaços de alga marinha que dançavam na mistura abrasadora, quase queimando a ponta do meu dedo indicador esquerdo.

Meu olhar fitava um ponto qualquer atrás da grande área envidraçada que fazia parte da cozinha compacta, prática, bem planejada. Engatei nova oração, como a pedir para a Providência aquietar meu coração e minhas saudades.

Senti a presença de alguém ao meu lado no balcão que dividia a cozinha da copa. A voz que captei a seguir era lacrimosa, um timbre infantil embebido na discórdia, submersa num vazio impenetrável. Não precisei focar quem implorava minha

atenção. Um delgado calafrio percorreu toda a extensão da minha frágil coluna. Marcus estava há exatos dez centímetros de distância do meu corpo.

“Você chorou por mim”, ele disse num timbre cansado, olhando para o mesmo ponto perdido que havia além da ampla janela. Uma tremenda sensação de bem-estar tomou conta do meu ser boquiaberto.

Outra pessoa teria saído gritando feito uma louca, atravessando paredes, igual nos desenhos animados, ao se deparar com uma situação paranormal. Eu apenas senti o prazer e a angústia de um verdadeiro reencontro.

Virei lentamente meu pescoço para o lado da voz que vertia dor e desalento. Encarei a figura de um garoto que trajava uma folgada camiseta branca e jeans dois números abaixo do ideal para aquele corpo etéreo. Seus pés estavam descalços, sujos, desleixados. As unhas, enormes e disformes, confirmavam vários estágios da Solidão.

Mesmo a transparência de uma alma confusa não era capaz de esconder a pobreza de um espírito despreparado para encarar a vida real após uma existência desperdiçada.

“Por favor, não me julgue. Eu sei que fiz merda. Eu estava alucinado. Não aguentava mais suportar os ataques do meu pai. Num momento de desespero e puro egoísmo, querendo chamar a atenção do mundo para os problemas do meu umbigo, dei cabo do que eu acreditava ser o fim do sofrimento, da angústia de não poder ser e viver aquilo que eu era de verdade”, proclamou Marcus com extrema dificuldade, pois os pulmões pulverizados com o tiro certo agora não eram mais capazes de filtrar a essência do ar beatificado, dando pouca autonomia para a boca miúda proferir com clareza as frases do forçoso desabafo.

“Eu pensei que ia encontrar aquela famosa luz azul no fim do túnel, como eu via nos filmes. Eu imaginava que minha avó estivesse à minha espera aqui do outro lado, como ela sempre dizia que o faria quando eu fosse para o Paraíso. Nem um parente veio me receber. E amigos a me aguardar seria algo impossível. Eu não tenho ninguém...”, concluiu Marcus, desanimado, baixando a cabeça até seu queixo tocar o peito esfarelado.

“Mas só agora eu compreendo tudo. Alguém abriu minha consciência para que eu pudesse entender com clareza toda a situação. Não sei quem me deu a autorização, mas pude vislumbrar nosso passado. Descobri que somos almas companheiras, Alvin!”, salientou Marcus, revigorado pela esperança, seu olhar buscando o meu perdão a qualquer custo.

“Eu sei que pode parecer idiotice o que vou lhe dizer, mas é o que meu coração está gritando”, eu urrava quase sem voz, tremendo da cabeça aos pés diante daquela situação paranoica.

“Ainda não compreendo o que vivemos no passado. Nesta existência eu jamais tive qualquer traço de contato com você ou com sua história. Estou sozinho há mais de dezoito anos. Completamente sozinho. Sem sexo, sem carinhos, sem amor, sem paixão, sem amizades verdadeiras. Foi uma opção e não a falta dela. Sou casado com a Palavra, Marcus. Mas mantenho, como amante, a Solidão. Meu Deus, eu tenho que parar de dar voltas e ser direto: Marcus, eu AMO VOCÊ!”, eu gritei com vigor, tamanha era a força do sentimento poderoso que aflorava novamente em mim-eu-mesmo.

A frase final rompeu o espaço daquele ambiente imaculado, limpo, essencial. Buscamos o abraço que não foi concretizado. Corpos etéreos e físicos que não podiam se unir na mesma dimensão.

Encharcamos o chão vitrificado da cozinha com minhas lágrimas de aflição e com as gotas plasmadas que escorriam da face translúcida do jovem que liquidara parte da sua conduta.

“Por que nos encontramos somente agora, numa situação paralela? Por que não tivemos a chance de viver o Grande Amor aqui nesse mundo insano, no plano encarnado, e não tivemos a oportunidade de unir nossos corpos no sexo e na luta para reconstruir e manter uma relação bonita, produtiva, duradoura?”, lamentava Marcus, levitando pela cozinha, passando através dos móveis, paredes, fogão e geladeira, sem se dar conta da sua nova condição.

“Eu não sei, Marcus. Tudo que sei é que não vou mais perder você. Não importa o que vai acontecer, mas eu prometo que ficarei do seu lado!”, eu afirmava num rompante doentio, tentando agarrar o amornado corpo flutuante que transpassava meu corpo pesado, frio, trêmulo.

“Terei que pagar o preço da minha irresponsabilidade. Eu sei que vou sofrer por muito tempo junto aos outros caras iguais a mim, naquele lugar isento de c(l)aridade. Está na Lei Sagrada, onde só confirmei sua autenticidade ao retirar a venda da ignorância que cobria os olhos do meu espírito mesquinho. Não sei se estou preparado, Alvin, mas eu preciso assumir meus erros”, lamuriou Marcus, tentando segurar minhas mãos, em vão.

“Eu nunca dei ouvidos aos ensinamentos da minha mãe. Todas as respostas estavam tão próximas. O egoísmo cegou minha razão, cara. Agora eu só imploro uma centelha da força do seu amor. Eu só preciso da imagem da sua presença perpassando minha alma, Alvin.

“Autorizaram-me a assistir todas as nossas existências passadas. Meu Deus, por que desperdicei tantas oportunidades? Por que não dei razão à minha consciência nos raros momentos em que ela estava desperta e não segui minha intuição, procurando você no plano que eu abandonei, lutando por mais uma ocasião de ser feliz ao seu lado? Prometa que vai pensar em mim. Prometa que vai erigir uma singela prece em minha homenagem. Prece que servirá de farol a iluminar meu novo caminho, trazendo-me de volta a você num futuro que não seja distante, para que finalmente possamos viver aquilo que foi, por hora, estupidamente interrompido por minha culpa, minha máxima culpa!”

Fui brindado com a brisa da despedida que se aproximava em galopes celtas. Descobri que quando uma pessoa que amamos parte para uma jornada distante, o aroma da Alfazema se faz presente.

Encarei o olhar desalinhado, aflito e distante do meu guri. Prometi a ele que durante todos os dias do que restava da minha provação, eu dedicaria o tempo necessário para orar em favor da sua evolução.

Nossa história não havia acabado. O período do reencontro foi suficiente para despertar em nós o desejo da luta para reconquistar o bem comum. Só assim poderíamos enfrentar nossos demônios interiores, redimir nossos deslizos do passado, corrigir de vez nossos erros e gozar nossa conquista no futuro que – acreditávamos piamente! – estava muito próximo.

Enquanto juntos naquele momento, como num filme que se passa a uma velocidade altíssima, vivemos o que deveria ser vivido. Nossas consciências estavam atentas sobre as novas metas a serem cumpridas. Selamos o último juramento e prometemos atingir o Grande Objetivo: ficarmos unidos para auxiliarmos a evolução um do outro.

Cerrei os olhos e pedi com o resto das minhas forças um mísero segundo de um contato íntimo naquele ser que eu tanto amava. Eu queria selar aquela passagem de nossas vidas com o sabor divino de um beijo eterno. Chorei, implorei, orei e pedi humildemente a qualquer Superior de plantão por essa chance única. Meu corpo chacoalhava sem cessar, de tanta dor merecida e ansiedade embutida.

Marcus também havia cerrado os olhos e parecia volutear num transe além da sua compreensão. Sua imagem ia se desfazendo aos poucos. Eu já não via mais seus pés descalços. Meu coração dava sinais de cansaço. Eu não poderia resistir àquela experiência transcendental por mais tempo.

“Meu amor, agora você pode sentir o meu beijo”, choramingou Marcus, num sussurro complexo, em prantos comoventes.

Abri minha alma e imaginei aqueles lábios agora texturizados da boca que havia me conquistado em eras longínquas. Eles tocaram, muito serenos, minha boca papiro, incrédula, amarga. Nossas línguas, duas hastes em brasas, travaram a batalha dos amantes. A lavanda confirmou a presença do Amor, fazendo-me cair num sonho profundo. Marcus havia partido. Agradado com a bênção dos meus lábios durante sua travessia definitiva para o além-terra.

* * *

Quando Helena e Virna apareceram naquela manhã de domingo, eu estava encerrando os pneus da minha bicicleta, debaixo de um sol tímido, em cócoras no gramado do meu refúgio bem cuidado.

Helena carregava um pacotinho entre os braços. Virna sustentava com dificuldade duas grandes bolsas multicoloridas; uma em cada ombro.

Fazendo caretas bem divertidas, o casal tentava se equilibrar ao pisar nas pedras rugosas do jardim que conduzia à entrada da minha casa de madeira.

Trocamos beijos e abraços afetuosos, além de gritinhos de alegria e gestos de ascendente felicidade.

Entramos todos juntos. Sentamos no antigo sofá amarelo. Eu estava curioso para ver a joia que Helena segurava junto ao peito.

“Decidimos que você dever ser o padrinho dele, junto com o Venâncio, se você não se importar”, comentou Virna, emocionada, mostrando uma foto do irmão caçula que eu havia conhecido tempos atrás, numa festa de aniversário.

Helena pediu-me para abrir os braços. A mãe biológica depositou com carinho e cuidado o ser indefeso, frágil e delicado, junto ao meu peito desajeitado. A mãozinha excepcionalmente forte segurou de imediato meu indicador direito. Um leve sorriso foi esboçado naquela carinha fofa, meiga, decidida.

“Obrigado pelo convite. Prometo ser um padrinho presente em todos os acontecimentos importantes do meu afilhado. Vou educá-lo e amá-lo como se fosse meu próprio filho, vocês vão ver só!”, eu declamei com muita dificuldade, engasgando na honestidade da minha promessa.

“Nós três sabemos disso. Mantemos a consciência de que fizemos a escolha certa, meu adorável amigo”, disse Helena, toda sorriso e lágrimas.

“Então... vamos parar com os joguinhos e essa choradeira. Eu quero saber agora qual é o nome do meu menino!”, perguntei, zombeteiro, mesmo decifrando o doce mistério por intuição.

As duas trocaram um olhar cúmplice, pronunciando a resposta-mantra quase ao mesmo tempo.

“Marcus. Marcus Dorf”, confirmaram, entre risos e júbilo que escapava dos olhares embebidos em matizes azuis, serelepes, infantis.

Minhas únicas amigas não sabiam da Grande Verdade. Ninguém sabia.

Numa oração, olhei para o alto e agradeci em comovido pensamento a oportunidade de poder cuidar do meu guri ainda na minha atual existência.

* * *

Três anos terrenos haviam se passado desde a passagem de Marcus pela minha cozinha. Com afinco quase doentio, cumpri minhas orações para que ele pudesse deixar para trás o mais breve possível aquele Acampamento dos Irresponsáveis.

Por causa do nosso amor, eu pressentia que Marcus havia quitado boa parte da sua dívida com o Eterno. Eu intuía que novos desencontros estavam previstos até que pudéssemos viver como um casal apaixonado no mesmo plano, na mesma trilha, calçando a mesma caminhada.

Agora eu deveria cuidar daquele ser frágil, dar-lhe amor fraterno e fazer dele um homem honesto, equilibrado, realizado. Era preciso proporcionar todo o amor e carinho possíveis ao meu menino indefeso. Eu estava decidido a me tornar seu melhor amigo, companheiro e cúmplice até o dia da minha partida, antes da maioridade dele.

Paciência, Disciplina, Bondade e Aniquilação do Egoísmo são as chaves para uma vida feliz ao lado daqueles que amamos. A evolução natural e as afinidades vibratórias sempre farão com que caminhos compatíveis sejam cruzados novamente.

E, juntos, devemos dar continuidade ao que deve ser refeito, vivido, compartilhado, dividido.

* * *

Lembro-me que durante as minhas orações, meditando no meu jardim secreto numa manhã abençoada, me foi revelado que meu renovado Marcus renasceu num dezoito de junho, as duas e quinze de uma tarde fria, numa quinta-feira que mesclava um sol tímido, uma chuva purificadora e uma inesgotável sensação de felicidade!





PROJETO GRÁFICO & EDITORAÇÃO: **Moa Sipriano**

IMAGEM DA CAPA & TIPOGRAFIA: **pixabay.com** · **dafont.com**

SITE OFICIAL & CONTATO: **moasipriano.com** · **escritor@moasipriano.com**